

TARRYN FISHER



O LADO OBSCURO

QUAL A DIFERENÇA ENTRE O AMOR DA SUA VIDA E A SUA ALMA GÊMEA?
UM VOCÊ ESCOLHE, E O OUTRO NÃO.

TARRYN FISHER



O LADO OBSCURO

Algumas verdades são muito difíceis de encarar.

Tradução:

Fábio Alberti



COPYRIGHT © 2014 MUD VEIN BY TARRYN FISHER

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **LUIZA DEL MONACO**

Revisão **RAQUEL CRISTINA RUDIGER DORNELLES, MARIANA C. DIAS, MARIA CELESTE MENDES, ANA CLARA TEIXEIRA CARYBÉ E CRISTIANE CASTRO**

Capa e Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa **ROBERT ROKA | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fisher, Tarryn

O lado obscuro / Tarryn Fisher ; tradução de Fábio Alberti. — São Paulo : Faro Editorial, 2019.
288 p.

ISBN 978-85-9581-069-3

Título original: Mud Vein

1. Ficção norte-americana 2. Suspense I. Título II. Alberti, Fábio

19-0478

CDD-813,6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813,6



1ª edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br



PARTE UM

CHOQUE E NEGAÇÃO

I



DIA I

ESCREVI UM LIVRO. ESCREVI UM LIVRO QUE FOI publicado. Escrevi um livro que foi parar na lista dos mais vendidos do *New York Times*. Esse livro virou filme e fui vê-lo no cinema, com um enorme saco de pipocas no colo. *Meu livro! O livro que escrevi*. E fiz tudo sozinha, porque é assim que gosto de trabalhar. E se o resto do mundo está disposto a pagar para dar uma espiada na minha mente desnorteada... que assim seja! A vida é curta demais para escondermos nossos erros. Então, quem se esconde sou eu.

Hoje é meu aniversário de trinta e três anos. Acordo suando frio. Sinto calor. Não, sinto frio. Muito frio. As cobertas em volta das minhas pernas parecem estranhas — macias demais. Eu as puxo, tentando me cobrir. Meus dedos parecem grossos e gordos ao segurar o tecido sedoso. Talvez estejam inchados. Não sei dizer com certeza se estão, porque meu cérebro está letárgico, meus olhos parecem ter sido grudados com cola, e agora estou com calor de novo. Ou talvez seja frio. Paro de lutar com as cobertas, e deixo a mente vagar... caindo... caindo...

O quarto está iluminado quando acordo. Posso perceber a luz através das pálpebras. Mesmo para um dia chuvoso em Seattle está escuro. Tenho janelas panorâmicas no meu quarto; volto-me na direção delas e abro os olhos com dificuldade, mas tudo o que vejo na minha frente é uma parede. Uma parede feita de troncos de madeira. Não tenho nada parecido com isso na minha casa. Deixo os olhos percorrerem toda a extensão dos troncos, desde o chão até o teto, e então acordo de vez, sentando-me na cama.

Não estou no meu quarto. Olho ao redor, chocada. *De quem é esse quarto?* Procuo me lembrar da noite anterior. *Será que eu... Não, sem chance.* Nem mesmo olhava para um homem desde...

Não era possível que eu tivesse ido para a casa de alguém. Além do mais, na última noite, jantei com minha editora. Bebemos algumas taças de vinho. *Chianti* não faz uma pessoa apagar. Respiro com nervosismo enquanto tento me lembrar do que aconteceu depois que deixei o restaurante.

Gasolina. Sim, parei para abastecer o carro no Posto Red Sea, nas proximidades de Magnolia e Queen Anne. *O que houve depois disso?* Não consigo me lembrar.

Olho para o edredom que estou apertando com força entre os dedos. Vermelho... de plumas... não consigo reconhecê-lo. Ponho as pernas para fora da cama, e o quarto começa a se mover e a se inclinar. Sinto-me mal na mesma hora. Era como uma ressaca após uma noite de bebedeira. Respiro fundo, tentando sorver ar suficiente para vencer a náusea. *Chianti não causa esse tipo de sensação,* repito.

— Estou sonhando — digo em voz alta. Mas não estou. Sei que não estou. Fico de pé e sinto vertigens por pelo menos dez segundos antes de conseguir dar o primeiro passo. Então me curvo e vomito... bem no chão de madeira. Meu estômago está vazio, mas mesmo assim parece pesado.

Ergo a mão para limpar a boca e noto algo de errado com meu braço — está pesado demais. *Isso não é uma ressaca. Alguém me drogou.* Fico curvada por um longo momento antes de me recompor e endireitar o corpo. Sinto como se estivesse na roda-gigante de um parque de diversões. Caminho aos tropeções, tomando consciência do que há ao meu redor. O quarto é redondo. E muito frio. Há uma lareira — apagada — e uma cama com dossel. Não há porta. *Onde está a porta?* Entro em pânico e começo a correr desajeitada em círculos. Quando sinto as pernas fraquejarem, termino me agarrando à cama para me equilibrar.

— Cadê a porta?

Consigo ver o ar que sai da minha boca como um vapor. Foco minha atenção nisso, observando o vapor se expandir e se dissipar. Depois de algum tempo, volto a prestar atenção ao ambiente. Não sei por quanto tempo fiquei parada no lugar, mas meus pés começam a doer. Olho para os dedos dos pés. Mal posso senti-los. *Preciso tomar uma atitude. Fazer alguma coisa. Escapar.*

Há uma janela na parede diante de mim. Vou até lá e percebo uma cortina frágil. A primeira coisa que reparo é que estou no segundo andar.

A segunda coisa que noto me deixa estarecida. *Ah, Deus!* Um calafrio percorre meu corpo da cabeça aos pés. É o meu cérebro me enviando um alerta: *É o fim da linha pra você, Senna. Você já era. Está morta. Pegaram você.* Minha boca demora a responder, mas, quando o faz, engolindo em seco, posso até me ouvir ingerindo o ar, tão monumental é o silêncio em torno de mim.

Não acreditava que as pessoas realmente engolissem em seco até o momento em que me ouvi executando esse movimento. Um momento sufocante, angustiante — o momento em que meus olhos veem apenas neve e mais nada. Neve e mais neve. Tudo está tomado pela neve. Toda a neve do mundo, amontoada logo abaixo de mim.

Ouçõ meu corpo se chocar contra o piso de madeira e então mergulho na escuridão. Estou deitada no chão quando acordo, deitada sobre uma poça do meu próprio vômito. Solto um gemido... Praguejo... Sinto uma forte pontada de dor no pulso ao tentar me levantar. Grito e cubro a boca com a mão. Se houver mais alguém aqui, não quero que me ouça. *Bem pensado, Senna, reflito. Mas devia ter pensado nisso antes de ficar desmaiando e fazendo tanto barulho pelo lugar todo.*

Agarro o pulso com a outra mão e me encosto à parede em busca de apoio. É então que percebo o que estou vestindo. Não são minhas roupas. Estou usando um pijama branco de linho — um artigo caro. Fino. Não é à toa que estou morrendo de frio.

Meu Deus!

Balanço a cabeça, perdida. *Quem tirou a minha roupa? Quem me trouxe para cá?* Minhas mãos estão rígidas quando toco meu corpo para me examinar. Apalpo o peito e, em seguida, abaixo as calças. Não há sangramento nem machucados, mas a angústia de estar usando uma calça branca de pijama que alguém colocou em mim permanece. Alguém me despiu. Alguém tocou meu corpo. Fecho os olhos ao pensar nisso, e começo a tremer. Tremer muito e incontrolavelmente. *Não, por favor, não.*

— Ah, meu Deus — digo em voz baixa. Preciso respirar. Respirar fundo, com calma.

Você está congelando, Senna. E está em choque. Recomponha-se. Pense.

A pessoa que me trouxe aqui, seja ela quem for, deve ter planos mais sinistros do que somente me deixar congelar até a morte. Há madeira na lareira. Se esse filho da puta doente deixou madeira, talvez tenha deixado também alguma coisa com que eu possa fazer fogo para queimá-la.

A cama em que acordei está no centro do quarto. É uma cama de quatro colunas de estrutura rústica. O tecido pendurado nas colunas é de seda fina. É lindo, e isso me dá nojo.

Faço um levantamento das coisas que há no resto do quarto: uma cômoda pesada de madeira, um armário, uma lareira e um grosso tapete de pele.

Escancaro a porta do guarda-roupa e vasculho... são muitas peças. *São para mim?* Minha mão se detém em uma etiqueta. A constatação de que elas são todas do meu tamanho me atordoia. *Não — digo. Não, elas não podem ser minhas. Isso tudo é um grande engano. Isso não pode ser meu. As cores estão erradas. Roupas vermelhas... azuis... amarelas...*

Mas minha mente sabe que não se trata de um engano. Minha mente está familiarizada com o sofrimento, e meu corpo também.

Comece a agir, Senna.

Noto uma caixa prateada na prateleira mais alta do armário. Pego a caixa e a balanço. É pesada e diferente. Dentro dela encontro uma caixinha de isqueiros, uma chave e uma faca prateada pequena. Minha intenção é examinar esses objetos que acabo de descobrir. Olho para eles, toco-os — mas não tenho tempo a perder, tenho de agir rápido. Uso a faca para cortar uma tira de tecido da parte de baixo de uma camisa e, então, usando os dentes e minha mão boa, amarro as pontas da tira e faço um laço. Depois, com cuidado, acomodo o punho nessa tipoia improvisada.

Guardo a faca e mexo nos isqueiros. Minhas mãos passeiam pela caixa. Oito isqueiros *Zippo* cor-de-rosa. Eu sentiria mais calafrios se meu estoque deles não tivesse se esgotado. Ignoro essa sensação. Não consigo ignorá-la. Sim, consigo. Na verdade, preciso ignorá-la, porque estou congelando. Minha mão está tremendo quando a estendo na direção do isqueiro. *É uma coincidência.* Dou risada. *Será que algo ligado a um sequestro pode ser coincidência?* Vou pensar nisso mais tarde. Neste exato momento, preciso me aquecer. Os dedos das mãos estão dormentes. Preciso de seis tentativas até conseguir girar a roda do *Zippo* e fazê-lo acender. Esse processo gera marcas no meu polegar.

Não consigo colocar fogo na madeira. *Está úmida! Será que ele a trouxe para cá recentemente?* Procuo alguma coisa que possa alimentar as chamas, algo que eu possa queimar e que depois não me faça falta. Não encontro nada.

Já estou pensando em sobrevivência, e isso me assusta. O que eu poderia usar para fazer fogo? Meus olhos vasculham o recinto em busca de alguma solução, até que vejo uma caixa branca no canto do armário, com uma cruz vermelha estampada na frente. Um estojo de primeiros socorros.

Corro até ele e abro a tampa. Ataduras, aspirina, agulhas — *Deus!* Acabo encontrando lenços com álcool, embrulhados um a um. Apanho alguns e corro de volta à lareira. Abro uma das embalagens e aproximo o isqueiro da ponta dela que se incendeia. Coloco o lenço em chamas numa tora e depois abro outra embalagem, repetindo o processo. Soprando gentilmente, rezo para que tudo dê certo e o fogo pegue.

A lenha pega fogo. Puxo a grossa manta da cama e me enrolo nela, agachando-me diante das chamas escassas. Não é o suficiente. Sinto tanto frio que desejo pular sobre o fogo e deixar que me queime até arrancar esse frio de mim. Permaneço assim, encolhida no chão, até parar de tremer.

Então, volto à ação.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA KUNST EM MARÇO DE 2019